

**'A tristeza do rosto torna
melhor o coração'**

De menino do orfanato a 'Atirador Destaque do Ano' no TG. Conheça a história de vida e determinação de Paulo Resende

→ JOSANIE BRANCO

jo@oextra.net
ma casa grande, muitos quartos, todos cheios de camas, armários divididos e uma fila enorme de cadeiras no refeitório, quase sempre preenchidas pela agitação e o sorriso de muitas crianças, das mais diferentes idades. Seres indefesos, que sem opção de escolha dividem seus momentos na esperança de, quem sabe um dia, estar ao lado de suas famílias. Esta, por mais triste que seja, é a realidade dos lares que abrigam menores, mais conhecidos como orfanatos, um lugar que ampara, cuida e tenta suprir a ausência daqueles que deveriam garantir a proteção plena dos seus filhos.

Diferentes histórias, cada criança com uma 'pesada bagagem', mas em cada vida, a esperança de superação e um futuro de vitórias.

Paulo César Rodrigues Resende, 19 anos, conheceu de perto esta realidade, ainda bem pequeno, com um ano de idade, ele e sua irmã foram levados pelo pai para o orfanato de Fernandópolis, ali começava uma vida de incertezas, mas também de intenso aprendizado. “Meus pais se separaram eu ainda era bebê, minha mãe nos levou com ela, mas começamos a passar por dificuldades e mediante a tantas privações meu pai nos buscou para vivermos com ele, porém, seu trabalho impedia que ele cuidasse de

mim e da minha irmã, mesmo que ele quisesse, não dava, pois ele não tinha tempo, foi quando ele nos colocou no orfanato, lá era como se fosse uma creche e meu pai ia nos visitar todos os finais de semana".

Aprender a dividir tudo, o tempo todo, nunca foi problema para Paulo, ele sempre teve um contato harmonioso com todos os companheiros da casa e desde cedo aprendeu valores como a solidariedade e o respeito ao próximo. “A convivência no orfanato, onde morei até os meus doze anos, foi a base para a pessoa que sou hoje, meus valores, minhas metas e minha determinação se formaram lá dentro, dia a dia, com tudo o que ali aprendi. No orfanato, além do cuidado, temos uma relação de carinho e aprendemos a dividir tratando um ao outro como irmãos. Lá fiz amigos, mas alguns, talvez por falta de incentivo e apoio na adolescência, infelizmente seguiram outro rumo, de coisas erradas e vícios e hoje vivem a consequências de suas escolhas. Eu optei por outro caminho, afinal a vida é feita de escolhas e eu escolhi vencer, nunca me achei um coitadinho por morar em um lar de menores, ao contrário, queria me superar, ter uma vida de conquistas e adotei isso como ideal de vida. Pena que muitas pessoas têm um olhar preconceituoso em relação às crianças do orfanato e não conseguem enxergar que o fato de não ter um lar

em família não nos torna inferiores, ninguém tem culpa por morar em um abrigo, não optamos em viver sem nossos pais, apenas fomos vítimas dos erros de outras pessoas", disse.

Após permanecer por mais de uma década no orfanato, Paulo e sua irmã tiveram a guarda repassada ao pai e ali começava um novo processo, a vida em família que eles sempre quiseram ter. “O período de adaptação com meu pai foi difícil, afinal nunca havíamos morado com ele antes, e dentro do orfanato sempre tivemos muita fartura, já em nossa casa as coisas mudaram e tínhamos algumas privações, embora meu pai sempre tenha feito o possível para nos agradar. Hoje, minha irmã já é casada, eu e meu continuamos morando juntos e nos entendemos muito bem, sempre respeitamos o espaço e o jeito de ser um do outro, isso torna nossa relação mais tranquila”, explica.

Paulo, que sempre fora muito responsável, começou a trabalhar aos 13 anos como zelador e cuidador de animais, ajudando seu pai no sítio, e aos finais de semana desenvolvia a função de empacotador e repositor em um mini mercado. "Depois disso não parei mais e como eu era pequeno ainda precisava de autorização judicial para poder trabalhar. Aos 15 anos fui contratado para trabalhar na usina em Meridiano, como jovem aprendiz, só sai de lá quando fui selecionado a servir o exercito", explicou.

O bom comportamento e camaradagem de Paulo lhe renderam, no último mês de novembro, o título de 'Atirador Destaque do Ano' do Tiro de Guerra. "Me dediquei ao máximo e gostei muito de servir o exército, lá aprendemos muito sobre solidariedade, disciplina, responsabilidade e hierarquia e isso para mim foi bem fácil, pois aprendi esses conceitos desde pequeno no orfanato. Gosto muito de servir ao próximo, esse reconhecimento do TG para mim foi muito gratificante, embora alguns diziam que eu era puxa saco lá dentro, mesmo assim eu me superei, não sou de brigas e sempre fui amigo de todos, lá eu também me formei como Cabo e recebi honra ao mérito. Aprendi a gostar dessa profissão e mesmo estando cursando o segundo ano de Admi-



“ Todo **aquele que luta** exerce **domínio próprio** em **todas as coisas** ”



Paulo: não ter um lar em família não nos torna inferiores

nistração na FEF, penso também em servir o exército ou a PM, mas não irei embora para deixar o meu pai sozinho, só sairei daqui se deixá-lo amparado, nós cuidamos um do outro", contou.

Quando questionado se já teve sentimentos de revolta e tristeza por ter morado no orfanato até o início de sua adolescência, Paulo é sucinto na resposta. “Confesso que já tive dúvidas do porquê estar lá, enquanto eu via tantas crianças estarem com suas famílias, mas em momento algum me revoltei contra o meu pai, sempre acreditei que ele nos amava e só havia nos deixado ali por não ter outra opção. Contudo, não tenho vergonha de afirmar que quem me educou foi o orfanato. Sou grato a Deus pela vida que tenho, pois o Orfanato foi a minha maior e melhor escola de vida. Hoje entendo que quem deseja vencer e luta para conquistar seus desejos enfrenta qualquer barreira e obstáculo que aparece no caminho, porque a vontade é maior do que o medo”, ponderou.



SUPERANÇA

“A **esperança** existe para aqueles que acreditam”



*Juliana Carla:
o sorriso que
está vencendo
a leucemia*

→ JOSANIE BRANCO
jo@oextra.net

A pesar de todos os avanços na medicina, o câncer é uma palavra que assusta qualquer paciente no momento do diagnóstico. E, embora não existam estudos científicos que comprovem, os médicos que trabalham na área garantem que a forma como a pessoa encara a doença é determinante para o sucesso do tratamento.

Basta conversar por alguns minutos com Juliana Carla Inácio, 22 anos, para descobrir que ela é do tipo que adora rir. Porém, o sorriso fácil esconde uma batalha contra a leucemia. No primeiro semestre desse ano, a vida de Juliana teve uma reviravolta, no momento em que iniciava os preparativos para seu casamento ela descobriu que estava gravemente doente. Em um dia frio do mês de junho, um terrível mal estar levou Juliana para o hospital, chegando lá ela foi examinada, medicada e liberada pelo médico, porém, insatisfeitos com o parecer do profissional e vendo a notória debilidade que a jovem estava, seus familiares a levaram em um laboratório para a coleta de exames aprofundados. Naquele momento, mesmo que não soubesse, Juliana estava prestes a receber a notícia mais triste de sua vida: a descoberta da leucemia. Com o resultado dos exames em mãos Juliana foi transferida para a cidade de São José do Rio Preto, ali começava uma difícil trajetória, foram vinte e quatro dias de internação, exames e quimioterapias, uma doença agressiva que fez Juliana sentir medo e insegurança. “No começo achei que não seria nada de grave, quando eu soube que era um tipo de câncer fiquei com muito medo, pois não queria morrer, naquele momento um filme passou pela minha cabeça, eu pensava que aquilo não poderia ser possível, afinal ainda tenho muita coisa para viver. Foram momentos tensos e tris-

tes para mim e minha família. Naquele final de semana estávamos preparando uma festa de aniversário para o meu pai, já estava tudo pronto e de repente fomos surpreendidos com a notícia de que eu estava doente. Meus pais sofreram muito, afinal nossos planos eram de diversão e de repente tudo se transformou em lágrimas e dor”, contou.

Começar o tratamento não foi uma tarefa fácil, Juliana sabia que o momento era delicado, os cuidados eram essenciais e sua vida sofreria grandes mudanças. Entretanto, a determinação e fé da jovem fizeram com que ela superasse cada etapa desse processo. “No início a doença foi bastante agressiva, no segundo dia em que eu estava internada já fiz uma sessão de quimioterapia injetável, foi tudo muito rápido, era tudo novo para mim, mas graças a Deus não tive muitas reações, apenas náuseas, o tratamento aconteceu de maneira tranquila. Meus pais e meu noivo Bruno me ajudaram o tempo todo, eles me davam força, estavam a todo instante do meu lado e me faziam sentir importante”, disse.

Sobre os períodos mais difíceis do tratamento, Juliana ainda se emociona ao lembrar do dia que precisou cortar seus cabelos, afinal, ela que era uma jovem tão vaidosa precisaria, naquele instante, aprender a superar desafios e abrir mãos da sua aparência desejada. “Sofri muito com a queda do cabelo, eu acreditava que ele não iria cair e num dia, ainda hospitalizada, fui tomar banho com a ajuda

da minha avó e meu cabelo começou a cair todo, fiquei desesperada, chorei compulsivamente porque para mim o cabelo tinha que ser perfeito, eu não estava preparada para as mudanças que meu corpo sofreria com a doença. Como forma de amenizar o problema nós tentamos cortar curto, mas ainda não foi o suficiente, meus cabelos não paravam de cair, então precisei raspar toda a cabeça. O sentimento é inexplicável, mas tinha a sensação de que ficaria horrorosa e para a minha surpresa, quando olhei no espelho careca, gostei do que vi, me senti ainda mais forte e determinada a vencer. Também recebi muitos elogios que elevaram minha autoestima, com isso aprendi que meu cabelo não é nada comparando-se a valores como a família, amigos verdadeiros e a importância de ter uma boa saúde”, relatou.

A história de Juliana ganhou notoriedade e sensibilizou muitas pessoas também pelas redes sociais, com mensagens de apoio e dispostas a doar sangue, auxiliando no seu tratamento. “Fui submetida a quatro transfusões de sangue, mas a mobilização das pessoas foi tão grande que somente aqui em Fernandópolis mais de trezentas bolsas foram coletadas durante a campanha que voluntários realizaram em meu nome. Esses gestos de nobreza me fizeram ver o quanto as pessoas são solidárias e estão dispostas a ajudar umas as outras. Não imaginava o que era receber sangue, mas hoje a minha gratidão para quem



Juliana: descoberta do câncer quando se preparava para o casamento e na semana do aniversário

quer que seja que opta por fazer isso é muito grande”, agradeceu.

Assim como qualquer pessoa que descobre estar gravemente doente, Juliana também se abalou com a notícia, teve seus momentos de revolta, pânico e incertezas, que só com o passar dos dias foram se amenizando. “Embora eu sempre tenha sido uma pessoa de muita fé e oração, confesso que por vezes cheguei a questionar Deus, sobre o porquê aquilo estava acontecendo comigo, afinal eu não conseguia entender os motivos pelos quais eu estava passando por tamanho sofrimento. Mas durante essas etapas do meu tratamento fui percebendo o quanto eu sou privilegiada, pois me deparei com diversas pessoas doentes e que dificilmente terão a chance da cura, que já estão em estágio avançado do câncer, são crianças, jovens, adultos e idosos sem nenhuma perspectiva, e eu estava ali, me recuperando dia após dia. Hoje me arrependo de todos os questionamentos que fiz a Deus e só tenho motivos para agradecer”, detalhou.

Hoje, em estado de manutenção da doença, Juliana está voltando aos seus hábitos de vida e a cada dia comemora uma nova conquista. Filha única, ao lado dos pais ela já volta ao trabalho num estabelecimento comercial de propriedade da família e com o noivo Bruno, Juliana reinicia os preparativos do seu casamento, que aconteceria no mês de março do ano que vem e em decorrência da sua doença precisou ser adiado para outubro. “Há três

meses estou de alta do tratamento semanal, agora é um processo de manutenção por mais dois anos e creio que serei curada. Neste período difícil me aproximei ainda mais dos meus pais, vi de perto o sofrimento deles e tentei dar força, mostrar que eu estava bem e estávamos vencendo juntos. Minha relação com o Bruno está ainda melhor, hoje somos mais amigos, cumplices e cuidamos um do outro, agora meu foco está no casamento, preciso estar bem para que ele se realize e seja como eu sempre sonhei”.

O experimento doloroso, segundo Juliana, fez com que houvesse mudanças no seu modo de agir e pensar sobre muitas coisas. “A leucemia foi a maior experiência da minha vida e escolhi passar por ela da melhor forma

possível. Escolhi confiar e lutar pela minha saúde. Sem dúvida, a doença veio para mudar minha vida para sempre, foi como um momento de crescimento. Não foi nada bom, mas amadureci, aprendi a dar valor às coisas simples e sei que isso me deixou com uma visão de vida totalmente diferente, hoje mantenho os pés no chão e acredito que tudo tem um lado bom, por pior que pareça, pois são nos momentos de dor que aprendemos a dar valor nos pequenos e verdadeiros momentos da vida. Sem dúvidas, 2015 foi o pior ano da minha vida, mas também o do meu maior crescimento. A cada dia que passa temos uma nova lição, cabe a nós querer aprendê-la ou não”, finalizou a jovem guerreira Juliana Carla.

“
Sem dúvida,
a doença
veio para
mudar
minha
vida para
sempre, foi
como um
momento de
crescimento
”



JACOMASSI

CAMINHÕES - COLHEDORAS - TRANSBORDO
CARRETAS - REBOQUES - SEMI-REBOQUES

FABRICAÇÃO E MONTAGEM DE TANQUES - MANUTENÇÃO INDUSTRIAL E MÁQUINAS AGRÍCOLAS - CALDEIRARIA - TUBULAÇÃO
SOLDA EM GERAL- REFORMA GERAL EM IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

(17) 99613-2302 / 99631-7094

RODOVIA PERCY WALDIR SEMEGHINI - KM 590 S/N - ZONA RURAL - OUROESTE - SP

UMA NOVA ÓTICA, UM NOVO OLHAR DE QUALIDADE.



#euamo #óculos STORE

Rua Brasil, 2160 - Centro
Fernandópolis • SP
17 3442 7899



Graduação a distância Estácio/Parceiros

- Administração
- Análise e Desenvolvimento de Sistemas
- Ciências Contábeis
- Comércio Exterior
- Gestão Ambiental
- Gestão de Recursos Humanos
- Gestão de Tecnologia da Informação
- Letras
- Logística
- Marketing
- Negócios Imobiliários
- Pedagogia
- Serviço Social

Consulte a lista completa de cursos no site,
www.estacio.br

Graduação a distância⁽¹⁾ com a mesma qualidade e cursos certificados pelo MEC

$Rx + 40x + 40 \times 2x = 0$

FLEXIBILIDADE PARA
ESTUDAR COM
A MESMA QUALIDADE

A partir de
R\$ 199,20⁽¹⁾

POLO FERNANDÓPOLIS/SP
Av. Primo Angelucci,
330 - Centro
(17) 3442-3999

Estácio | UNISEB
A UNISEB faz parte do grupo Estácio

(1) Preço variável de acordo com o curso, polo e modalidades de ensino. Seguir o preço discriminado em nosso portal em caso de mudanças.
Tabela para FERNANDÓPOLIS com início em 2º semestre/2015

Clínica Veterinária Dra. Maisa da Silva Bego da Oliveira

CRMV-SP 31.556

Consultas | Consultas a Domicílio | Ultrassom
Exames Laboratoriais | Cirurgias em Geral | Vacinas
Medicações | Atendimento 24hs. | Hotel

Tel.: 3463-4861 (17) 99626-9145
(17) 98168-1005 (17) 99154-4401

Rua Amapá, 1512 - Bairro Jardim Paulista
Fernandópolis (esquina com a Etec)
maisa_bego@hotmail.com

Villa Gourmet

Restaurante e Chopperia

**Av. Afonso Cáfare, nº 2105
Fernandópolis - SP**

(17) 3442-4198

POSTO BOA VISTA

FONES: **3462-8330 3463-3090**
Avenida Angelo Del Grossi, 57 - Boa Vista - Fernandópolis-SP

Proteja seu maior patrimônio

Instale um sistema de
segurança monitorado 24 horas

Segurança em boas mãos!
Fone (17) 3442-4455

Av. Afonso Cáfare, 2147 - Higienópolis - Fernandópolis - SP

A certeza
de estar em
boas mãos

**ELETRONICA
GLOBO**

LOTEAMENTO Água Limpa

ÁREA LAZER

**LOTES À VENDA COM 10% DE ENTRADA
+ 150 PARCELAS A PARTIR DE R\$ 562,00
OU À VISTA COM 30% DE DESCONTO**

PLANTÃO DE VENDAS NO LOCAL AOS SÁBADOS E DOMINGOS

ESTRADA MUNICIPAL DE POPULINA (AO LADO DO PORTO AMARAL - À BEIRA DO RIO GRANDE)

VENDAS TAMBÉM NA...

(17) 3463-2198 / (17) 99714-5830
www.srtimoveis.com.br

41 LOTES
a partir de R\$ 562

SRT IMOVEIS

VIDA DE CADEIRANTE

“Por que estou eu assim”?

Solidão e tristeza preenchem os dias de Iranilda Alves, que afirma: ‘não tenho razões para comemorar’

→ JOSANIE BRANCO

jo@oextra.net

Tudo passa" já dizia Samael Aun Weor. Compreender a essência da impermanência leva-nos a aprofundar nossa reflexão acerca da fragilidade da vida. É da na natureza da mente fixar-se àquilo que lhe traz prazer e rejeitar o que lhe traz desprazer. Quando vivemos momentos de alegria, imediatamente tentamos perpetuar esta alegria. Fazemos um tremendo esforço para afastar tudo que pode prejudicá-la e sofremos quando esta alegria se esvai feito nuvem ao vento. Da mesma forma, quando qualquer situação da vida surge para ameaçar a frágil alegria de nossa frugal existência, a mente a rejeita violentamente, gerando novamente dor e sofrimento pelo temor do que pode vir a ocorrer. Na vida há momentos de amargura e dor, mas também há momentos de alegria, paz e abundância. Muitas vezes, alguns inesperados e indesejados acontecimentos mudam o percurso de vida das pessoas, tornando-as frágeis e tristes, assim tem sido a vida de Maria Iranilda Alves dos Santos, que há 1 ano e 8 meses está em uma cadeira de rodas e sem perspectivas de poder um dia andar novamente.

Em sua humilde residência, onde mora com a mãe Terezinha, de 84 anos e a filha Pamela de 13, Iranilda recebeu a equipe de reportagem do "O Extra" e contou, em um emocionante depoimento, sobre como tem sido últimos anos.

EXTRA: Você andava normalmente e tinha uma vida ativa, o que te levou à cadeira de rodas?

IRANILDA: Em 2004 descobri que tinha Lúpus, eu sentia

muitas dores no corpo todo e elas foram aumentando com o passar dos anos, eu sempre me tratando, mas tentava levar uma vida normal. Sempre fui muito ativa, gostava de sair, dançar e também já trabalhei pegando reciclagem. Há um ano e oito meses sofri um AVC, fui diagnosticada com coágulos no cérebro e demais complicações decorrentes da Lúpus. Em consequência disso fui parar na cadeira de rodas, hoje não ando e sinto muitas dores que foram afetando muitos órgãos do meu corpo. Por causa da Lúpus também não enxergo direito e todos os meus dentes caíram.

EXTRA: Como você reagiu sabendo que não poderia andar mais?

IRANILDA: Nada me abalou tanto como perder os movimentos nas pernas. Não aceito isso até hoje, sou inconformada com essa situação (choros) sinto muita falta de andar, a saudade de ter minha independência chega a doer em mim, não aceito estar nesta posição. Para piorar a situação, quando eu estava há três meses na cadeira de rodas, a mamãe foi atropelada ao atravessar a rua, ela quebrou a perna em sete lugares e colocou sete pinos. Foram oito meses em que ficamos nós duas na cama, nesse período eu tive que aprender a me virar e a fazer tudo como cadeirante, eu dava banho de leito nela, a gente cuidava uma da outra, eram duas cadeiras de roda em casa e a gente foi se virando como dava, sem conforto, em meio às dificuldades. Minha mãe agora voltou a andar, mas já está com a idade bastante avançada e por isso continua precisando de cuidados especiais. Nossa vida não tem sido fácil.



Foto: Amanda Rodrigues

Iranilda: “depois que fiquei doente perdi meus amigos do passado”

EXTRA: Qual a maior dificuldade que vocês encontram hoje para viver?

IRANILDA: Nossa! São muitas, desde a questão financeira até a solidão. Nossa casa está localizada em uma rua sem asfalto e cheia de buracos, desta maneira é impossível eu sair para fora até mesmo para dar uma volta, não vou a lugar algum, os dias são sempre iguais e sem perspectiva de melhoras. Também temos privações financeiras, o dinheiro é pouco e algumas pessoas nos ajudam como podem. Por vezes acabo usando as redes sociais para pedir ajuda, doação de fraldas, que uso em grande quantidade, ou até mesmo algo para a gente comer, pois ganhamos pouco e nunca dá para passar o mês. Nos últimos meses nossa casa passou por reformas, paredes e portas foram adaptadas para eu andar com a cadeira, também colocaram piso, forro, tudo fruto de doações lideradas pelo advogado Pedro Gregorini, ele é nosso grande amigo e muito nos ajuda, agora só falta a pintura, mas as tintas já estão compradas. Para aumentar a renda da casa e poder comprar frutas e fraldas, eu e a mamãe também bordamos guardanapos e ela faz crochê e tapetes de retalho para vender, o lucro não é muito, mas ajuda para comprar algumas coisas que precisamos.

EXTRA: Como tem sido seus dias como cadeirante?

IRANILDA: Muito tristes (choro), uma solidão muito grande, ficamos sempre eu e a mamãe, recebemos poucas visitas, muita gente fala que vai voltar pra nos ver e nunca mais aparece. Eu só saio de casa para ir ao médico, queria muito poder passear, mas hoje isso é impossível, me sinto uma prisioneira. Eu gostava muito de me arrumar, sair perfumada e poder ir onde eu quisesse, hoje são apenas lembranças. Em decorrência de tantos problemas minha depressão aumentou e não consigo fazer mais nada, só tenho vontade de chorar. Estou perdendo as minhas forças, tem dias que não consigo nem mesmo levantar da cama para sentar na cadeira de rodas, não desejo para ninguém o que eu estou passando. Queria que Deus tivesse me levado.

EXTRA: Você tem alguma distração?

IRANILDA: Quase nenhuma, pois como eu disse nem mesmo posso dar uma volta na rua, na maior parte do tempo fico quieta pensando em muitas coisas e relembro os dias bons que já tive, quando eu andava, e os tão difíceis que estou vivendo agora. A única coisa que nos alegra em casa são os nossos bichinhos de estimação. Hoje temos no-

ve gatos e três cachorros, eles são muito carinhosos e na maioria das vezes os únicos amigos que temos. Fico revoltada quando alguém maltrata ou abandona um animalzinho, todos os que aparecem aqui a gente cuida, damos nome e tratamos com muito carinho. O difícil é só comprar ração, tem pessoas que acabam trazendo e eu peço para quem puder colaborar com a gente, que também nos traga alimentos para esses pequenos indefesos bichinhos.

EXTRA: Qual seu maior sonho?

IRANILDA: Sem dúvidas minha maior vontade é poder um dia voltar a andar, não consigo me acostumar com a ideia de que não vou andar mais, contudo sei que isso não depende de mim. Hoje, para viver melhor na condição que estou, preciso muito de uma cadeira de rodas motorizada. A cadeira que eu estou é muito pesada, ela é emprestada porque a minha quebrou e já não consigo mais rolar, pois sinto muitas dores no corpo, principalmente quando meus ossos inflamam. Algumas pessoas já disseram que iam conseguir uma cadeira nova para mim, mas foi só promessa. Teve uma mulher que veio em casa, garantiu que voltaria e que ia me presentear com a cadeira, fiquei cheia de esperanças e ela nunca mais apareceu. A cadeira motorizada não será luxo para mim, mas sim uma grande necessidade.

Também tenho muita vontade de voltar a sorrir, mas tenho vergonha por não ter dentes, queria ter condições de colocar uma prótese dentária fixa, pois a móvel já tentei e não da certo. São desejos que um dia espero conseguir com a ajuda de pessoas solidárias.

EXTRA: Quais motivos você tem para comemorar neste fim de ano?

IRANILDA: Nenhum, fiz 44 anos no começo desse mês e não tenho nada para come-

morar, depois que fiquei doente perdi meus amigos do passado, vivemos todos os dias sem nenhuma perspectiva de mudança, eu, tem vezes, que perco até mesmo a noção do tempo, não sei se é dia ou noite, tudo é muito triste e escuro para mim, tomo muitos medicamentos e me sinto esquecida pelas pessoas. Sei que estou muito errada, mas por vezes me revolto com Deus, pois nunca imaginei isso para a minha vida, sempre acabo pedindo perdão, mas na hora do desespero só tenho tristeza no coração, me sinto no corredor da morte. (choro)

EXTRA: O que você espera de 2016?

IRANILDA: Que as pessoas sejam mais humildes e solidárias, que pensem mais umas outras. Uma simples visita, uma palavra de carinho tem o poder de transformar o dia da gente. Quem não puder doar nada, não precisa, apenas queria que viessem nos ver, conversar um pouco, isso já seria o bastante, mas sinto que muitos têm preconceito, pensam que se vierem aqui em casa pegarão a doença, e isso não é verdade. Em meio a tantas dificuldades, não espero muito da vida, mas peço a Deus que envie uma boa alma para nos ajudar a tornar meus dias menos sofridos.

Na tarde de ontem (18), durante o fechamento desta edição, em contato com a equipe de reportagem do "O Extra", Iranilda, com uma voz mais calma e alegre, informou que recebeu a visita do vereador Chico Arouca em sua casa e que ele garantiu que, com apoio de amigos e colaboradores, já encomendaram a cadeira de rodas motorizada para ela e que o equipamento deverá ser entregue ainda antes do Natal. "Encontrei um motivo para sorrir, agora creio que meu final de ano não será mais tão triste assim", disse Iranilda.



“... A verdadeira deficiência está no abandono dos sonhos e da vontade de viver”



A ‘CURA’ DO TEMPO

‘Até no riso **terá dor** o coração’

Claudio e Luciana Azevedo falam da saudade e a tristeza pela ausência de João Pedro

→ JOSANIE BRANCO
jo@oextra.net

Os sentimentos diante da perda são universais e atemporais e acometem todos os seres humanos viventes e em todas as épocas de nossa história. Mesmo assim, não se pode dizer que alguém esteja absolutamente preparado para aceitar com naturalidade a perda de uma pessoa querida. Alguns sofrem mais que outros, mas todos sofrem. Segundo as leis da probabilidade (ou da natureza, dirão alguns), pais morrem antes de seus filhos. Infelizmente, isso não é verdade absoluta. Diante da inversão do curso da vida, em que os pais estão sepultando seus filhos, como lidar com a perda repentina? Como reconstruir a vida e superar essa dor? A dor é tão grande que

não tem denominação, profunda e difícil de cicatrizar. Independente da idade, perder um filho é perder o bem mais precioso, no entanto, a vida precisa continuar, não podemos fechar as janelas e viver presos e focados nessa dor. Porém, não há fórmula mágica para lidar com as perdas, é com muito esforço, tijolo por tijolo, pedra por pedra. Não há palavras para decifrar a intensidade da dor e da saudade, marcas que só se amenizam com o tempo, e assim tem sido os últimos dias na vida de Claudio José dos Santos Azevedo e Luciana Moreira Azevedo, que há nove meses, dia 24 de março, perdiam um dos maiores tesouros de suas vidas, o pequeno João Pedro de oito anos de idade que não resistiu à luta contra o câncer. Em entrevista comovente à redação do “O Extra.net”, Claudio e Luciana falam de tristeza, amor e superação.

EXTRA: Como é o sentimento de perder um filho?

CLAUDIO: O João Pedro sofria de leucemia e desde o ano de 2009, quando descobrimos a doença, ele era submetido a tratamentos intensos, nós tínhamos plena consciência da gravidade do seu caso, mas sempre acreditávamos que ele ficaria bem, que seria transplantado. A morte do João foi e ainda é a maior tristeza de nossas vidas, naquele instante parece que tudo perdia o sentido, nos sentimos impo-



Fotos: Amanda Rodrigues

“Não há palavras para decifrar a intensidade da dor e da saudade. Essa é a pior dor que um ser humano pode sentir”

tentes, porque mesmo fazendo tudo o que podíamos, não conseguimos salva-lo. Essa é a pior dor que um ser humano pode sentir

EXTRA: Como tem sido os últimos meses da vida de vocês?

LUCIANA: Dias de muita saudade e lágrimas, lembranças dolorosas e momentos de angústia, afinal tudo ainda é muito recente e só agora estou começando a acalmar meu coração, pois com a morte do João eu perdi a vontade de viver, eu acreditava que nada me confortaria, nem mesmo Deus, com isso me afastei de tudo e de todos, comecei a me isolar, pois nada controlava a minha dor. Fui ao médico, fiz terapia, mas foi aí que me dei conta de que o remédio não o traria de volta para nossas vidas. Hoje eu consigo entender que fiz tudo o que podia ter feito pelo meu filho, mas o controle não está nas minhas mãos e eu precisava reagir, afinal minhas filhas Ingrid e Isadora têm o direito de viver, e elas precisam de mim, não posso priva-las disso.

Nesses meses, mesmo sofrendo a falta do João, eu tinha motivos para me manter de pé, um deles foi a Isadora, que nasceu 20 dias antes do João falecer, ela ainda é um bebê, cheio de vida e que a cada dia tem novas descobertas, o que nos motiva a sermos mais fortes a cada dia.

EXTRA: Qual a maior lembrança que vocês vão levar do João?

CLAUDIO: A alegria de viver, ele era muito determinado, forte e nunca reclamava de nada, tudo para ele era motivo de festa. O João era companheiro, amigo, ele nos alegrava mesmo em meio ao sofrimento, gostava de ajudar as pessoas, participar das

nossas campanhas de doação de sangue e falava de sua doença com maturidade, sem medo e sempre se mostrando um vencedor.

LUCIANA: Ter um filho e chama-lo de João Pedro sempre foi meu sonho e eu realizei. O João é presença constante, tudo lembra ele no dia a dia, ainda choramos muito sua ausência, levarei cada um dos momentos que vivemos juntos guardados em minha memória e em meu coração, afinal agora o que me resta são as lembranças e a saudade. Só quem passou por uma dor como essa consegue entender a dimensão deste sofrimento.

EXTRA: Como foi para você receber a notícia dos médicos de que só um transplante de medula poderia trazer a cura para o João?

CLAUDIO: Um grande choque, um momento que jamais imaginei um dia vivenciar. Foi muito difícil ouvir e tentar entender que a vida do meu filho dependia de outras pessoas, que só encontrando um doador, que é coisa rara, o João poderia se curar.

Na época, eu, a Lú e a Ingrid, que tinha três anos, fizemos os exames e para nossa tristeza fomos informados que não éramos compatíveis.

Com tudo aquilo acontecendo na vida do meu garoto eu sabia que tinha que fazer algo, comecei então a buscar doadores. A princípio foi uma luta pessoal, eu queria salvar o meu filho, mas depois, com o andamento das campanhas, muitas pesquisas e conhecendo a realidade de outras pessoas que também passavam pelo mesmo problema do João, minhas ações se intensificaram. Não era mais apenas uma vida a ser salva, mas sim milhares.

EXTRA: O caso do João Pedro ganhou notoriedade na

“

Este foi sem dúvida o ano mais difícil de nossas vidas, afinal perdemos parte de nós

”



mídia regional. Depois de uma intensa e difícil busca para encontrar um doador, sua filha nasceu compatível e uma semana após essa descoberta o João faleceu. Como foi a reação de vocês?

CLAUDIO:A princípio meu sentimento foi de revolta e frustração, eram muitos porquês e questionamentos sem respostas. Perguntei tantas vezes a Deus o motivo das coisas acontecerem dessa forma. Afinal, quando a Isadora nasceu 100% compatível com o João, sua saúde não permitiu, ele estava internado há dias e precisaria se recuperar e estabilizar a leucemia, mas isso não seria tão simples, afinal seu quadro era delicado demais e ele não aguentou lutar, estava fraco e chegou o momento de descansar ao lado de Deus. Em meio à frustração e com o coração em pedaços comecei a pensar nos pais e mães que, assim como eu, também lutam pela cura dos seus filhos. A dor de perder um filho eu não dese-

jo para ninguém, então quero ajudar para que outras famílias não passem pelo que nós passamos. Sendo assim, nossas campanhas “Seja um Herói – Salve Vidas” continuam e se intensificar a cada dia. Já foram mais de vinte campanhas na cidade e região, onde conseguimos, em média, quase 5.000 cadastros de medula e um grande número de doadores de sangue.

EXTRA: Depois de um ano cheio de acontecimentos marcantes, o que vocês esperam deste Natal?

LUCIANA: Este foi sem dúvida o ano mais difícil de nossas vidas, afinal perdemos parte de nós, o João se foi e deixou um legado de saudades. Hoje vivo pela Ingrid e pela Isadora, elas são nossas maiores heranças e quero dar sempre o meu melhor por elas. Para se ter uma ideia, a Ingrid, que sempre foi muito apegada com o irmão, acabava sendo privada de fazer muitas coisas para poder estar ao lado

dele, ela aprendeu a viver assim, quando o João partiu ela tinha a sensação de que ele voltaria, só depois foi entendendo que ele havia se tornado um anjinho.

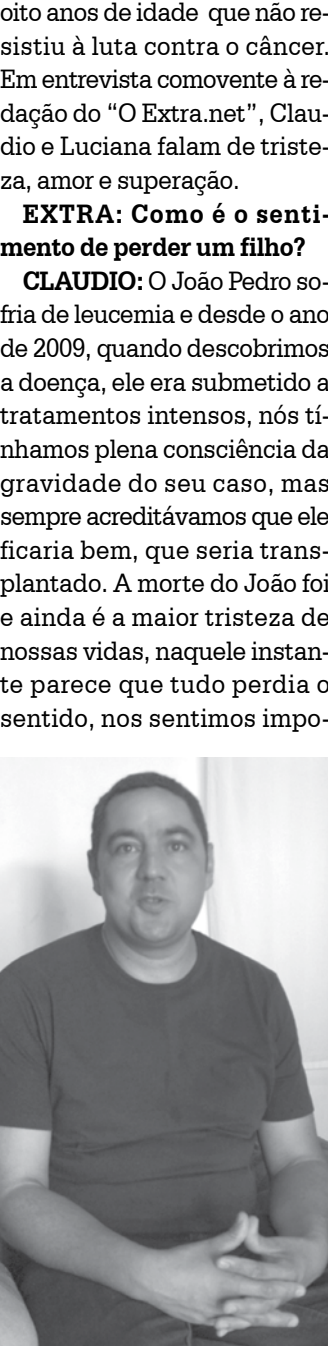
Neste ano, a Isadora foi um grande presente, veio para preencher aquele enorme vazio, ela alegra nossos dias com seu sorriso puro e sincero que só uma criança sabe ter.

Mas ainda é tudo muito novo para nós, eu e o Claudio estamos vivendo dia após dia de superações, este será nosso primeiro Natal sem o João, ele que sempre gostou tanto de festas, mas será preciso enfrentar mesmo em meio à saudade, afinal precisamos continuar a viver e acreditar que dias melhores virão. Minhas filhas crescerão sabendo que o irmão foi um grande guerreiro, que lutou até seus últimos minutos de vida. Creio que Deus nos dará forças.

EXTRA: Hoje, avaliando tudo o que passaram nos últimos anos, qual a mensagem que vocês deixam às famílias?

CLAUDIO: A falta de um filho é uma lacuna que nunca vai se fechar, mas através do projeto “Seja um Herói – Salve Vidas” quero ajudar os pais para que eles nunca venham a passar pelo o que eu passei. Foram 8 anos de convivência com o João e apesar de tanta luta, de tantas internações, transfusões de sangue, quimioterapias e de ver meu filho enfermo como ele estava, tinha muito amor envolvido, pois só com o amor verdadeiro nos tornamos fortes para não desistir e buscar a vitória. Portanto, nunca deixem de estar perto das pessoas que são importantes, aproveite ao máximo cada segundo, pois a única certeza que temos é do momento que vivemos hoje.

LUCIANA: Sempre dei muito valor à minha família, mas hoje, depois de tudo o que passei, aprendi a valorizar ainda mais cada instante, tudo se torna especial, me recordo de cada detalhe vivido com o João e agradeço a Deus por esses momentos maravilhosos. Quero ao lado do meu esposo e minhas filhas viver uma vida plena, de conquistas, paz e espero que esse seja o desejo de todas as famílias: estar ao lado de quem realmente nos completa e faz bem.



“... Existem três coisas: **a Fé, a Esperança e o Amor**, porém, a **maior delas é o Amor**”

MORADORES DE RUA Invisíveis aos O

→ JOSANIE BRANCO

jo@oextra.net

A importância de se ter família, um lar acolhedor para voltar todas as tardes, após um longo dia de trabalho, é algo que muitas vezes passa despercebido para a maioria das pessoas, mas imagine só viver

“Na rua pelo acaso”



Vanderlei: é tudo muito triste, todo mundo precisa ter um lar

O mundo nas ruas ainda é novo e triste para Vanderlei Aparecido Machado, 55 anos, que há menos de 20 dias está vivendo no banco da praça e tendo aos poucos que se acostumar com a nova rotina de não ter um lar. Segundo ele relata, sua ex-companheira o colocou para fora de casa após um desentendimento entre ambos e ele, sem família e nem ter para onde ir, se juntou aos moradores de rua de Fernandópolis.

Embora a pouco tempo no local, Vanderlei conta que está se adaptando e que foi recebido muito bem por todos os colegas. “Sai de casa com a roupa do corpo apenas, tudo o que estou usando e comendo são coisas doadas, hoje não tenho nada, ainda estou sem saber o que fazer, mas espero em breve encontrar um caminho, pois não é essa a vida que quero ter”.

Vanderlei conta que trabalhou a vida toda, já foi funcionário de frigorífico e por décadas viveu na roça e morou no sítio, há menos de dois anos ele veio para Fernandópolis na tentativa de constituir uma família. “Nunca me prendi a nada, não tive filhos e tenho pouco contato com meus irmãos, meus pais são falecidos e desde bem novo sai de casa para trabalhar, já vi e vivi muitas coisas nessa vida, mas nunca antes tinha morado nas ruas como estou agora. Pre-

ciso arrumar minha vida, tomo remédios controlados e estou sem usá-los nos últimos dias, a falta dos medicamentos já está dando reações e tenho passado muito mal nas últimas noites, pretendo voltar a trabalhar, mas hoje não tenho para onde ir, estou sem direção”.

O novo morador de rua, ainda meio acanhado com sua situação, conta que precisou aprender a pedir para matar a fome. “Tem dias que muitas pessoas doam, em outros não, tem muita gente boa, assim como também tem muita gente de coração duro, mas não tenho alternativa que não seja mendigar a ajuda dos outros, então peço, porque sei que nunca vou mexer em coisas que não são minhas sem autorização”.

Vanderlei também fala com tristeza da chuva que tomou recentemente, sem ter lugar para se proteger. “Para mim foi muito estranho, pois sempre tive casa, ou morava na casa de alguém, até em asilo já morei, mas na rua é a primeira vez e posso garantir que é tudo muito triste, todo mundo precisa ter um lar. O mundo nas ruas não é nada bom, aqui voltei até mesmo a beber e peço que Deus me abençoe para eu sair daqui o mais rápido possível, quem sabe eu arrume outra companheira, o importante é começar o ano novo em um lar, espero conseguir isso”.



“É a vida que eu

Chinelos velhos, chapéu de palha na cabeça e deitado em um banco da praça.

É assim que vive na maior parte do tempo o senhor José Antônio Rodrigues de Souza, 65 anos, e há mais de duas décadas perambulando pelas ruas da cidade. Natural de Governador Valadares/MG, ele veio para a região há cerca de 40 anos, quando se separou de sua esposa, deixando com ela duas filhas bem pequenas.

Na região, os longos anos foram marcados na vida de “Zezinho” pelo serviço no campo, mas ele conta que já trabalhou em grandes empresas, antes de fixar moradia em Fernandópolis. “Eu lavava carros na Camargo Corrêa, também labutei em muitas outras áreas e aqui sempre trabalharei na roça, no sítio eu tirava três latões de leite por dia, nunca tive preguiça de trabalhar, mas hoje já estou velho para isso, minha saúde não ajuda mais”, comentou.

Sobre os motivos que o fizeram morar nas ruas, “Zezinho” conta que não gosta de depender de ninguém e mesmo tendo a casa de sua mãe aqui na cidade prefere viver sozinho. “Não aceito viver à custa dos outros, então durmo nas ruas, ando bastante e vivo como dá, a renda é pouca de um benefício do governo, mas a gente ganha mui-

ta coisa nas ruas e também saio para pedir nas casas quando a fome aperta. As pessoas têm dó e doam. Tudo o que a gente ganha é dividido com os amigos,



José: tudo o que ganho



“ Todos os seres humanos **nascem livres e iguais** em razão e de consciência, devem agir **uns para com os outros**”

Declaração dos Direitos Humanos da Organização O

sem ninguém, sem ter para onde ir, estar esmo, sozinho e esquecido. Deve ser muito triste não ter para onde retornar quando o sol se esconde e as sombras crescem anunciando a chegada da noite, que geralmente é fria, perigosa e escura. Imagine dormir sobre a calçada, sobre um banco, sem cober-

tor e muitas vezes como única proteção usando panos velhos ou jornais antigos e tendo como companheira a solidão e o pesadelo. A cena é triste, constrangedora e para a maioria das pessoas, a primeira sensação quando se depara com um morador de rua é de medo ou de susto, muitas vezes até mes-

mo procuramos evitar qualquer contato temendo alguma agressão, pois acreditamos se tratar de alguém supostamente perigoso, demente, um indigente que pode nos atacar, nos ferir ou mesmo nos matar.

Afinal, ouvimos e lemos histórias que nos contam e nos encham de medo e até de pavor, re-

lacionadas a essas pessoas que vivem nas ruas ou praças e dormem sob pontes ou marquises. Esta, em geral, é a reação da sociedade diante de um ser humano que por algum motivo se encontra na rua abandonado e, na maioria das vezes, sem nenhuma esperança. O que raramente paramos para pensar é que

todos eles têm a sua história e motivos que os levaram a viver esta vida. Nós esquecemos que eles são seres humanos, que um dia tiveram uma família, um lar e uma posição social. As causas que levam um ser humano a morrer na rua são várias, essas pessoas já não vêem expectativas em suas vidas, se encontram em

uma situação de sobrevivência, fora do contexto social, sem esperanças ou sonhos.

Sobre esta triste realidade, neste tempo em que a sensibilidade é mais aguçada e se fala tanto na fraternidade cristã, fomos às ruas conhecer mais de perto a vida dessas pessoas que vivem esquecidas 'aos olhos da sociedade'.

Olhos da **sociedade**



Fotos: Amanda Rodrigues

u **gosto de ter''**

aqui tudo é de todo mundo. Também tem o CREAS onde a gente vai toma banho e assim vamos levando. Já me acostumei viver na rua", explica.



o divido com os amigos

Em relação aos perigos das ruas, principalmente nas ruas movimentadas, o andarilho relatou que nunca teve medo, pois jamais foi vítima de algum tipo de violência. “Aqui é muito tranquilo, ninguém mexe com a gente e quando faz frio ou chove muito procuramos alguma casa abandonada para dormir. A única vez que fiquei muito triste foi quando mataram o Vanderlei aqui na praça, ele era companheiro e eu vi tudo, ele era gente boa”, detalha.

Quando questionado sobre as filhas, "Zezinho" disse que isso aconteceu há muitos anos, ficou no passado e que acredita nunca mais poder vê-las. "Acho que elas se casaram, tem filhos e que eu sou avó, mas depois que vim embora nunca mais tive notícias, espero e desejo que elas sejam felizes, mas não tenho vontade de vê-las não, já passou muito tempo e cada um seguiu sua vida.

Quando o assunto são os projetos para 2016, “Zezinho” diz que não tem planos, embora ele tenha vontade de um dia ter uma casa e se aposentar, mas garante que se o próximo ano for como esse, já está bom. “Não tenho nada a pedir não, só espero que Deus me dê saúde, eu gosto das ruas, dos amigos daqui e não tenho motivos para reclamar de nada”, finalizou.

“Faria tudo pelos meus filhos”

O amor pelos cinco filhos e o desejo de poder um dia tê-los de volta foi o principal assunto abordado por "Florisvaldo Antônio Rodrigues, o popular "Flor". Com uma vida cheia de grandes acontecimentos, a maior parte deles ruins, como ele mesmo relatou, "Flor" chegou aos seus 37 anos, destes 16 vividos atrás das grades. "Fui preso pela primeira vez aos 18 anos de idade, foi um vai e volta, mas ao todo já fui preso dez vezes. Fiz tanta coisa errada nesta vida que não tem nem como contar, só Jesus para ter pena de mim, mas me arrependo por tudo e em consequência disso perdi meus cinco filhos, que na época ficaram com a mãe e depois ela teve uns problemas também e eles foram morar no orfanato. Na época eu não tinha noção do que eu estava fazendo, a droga e o álcool acabaram comigo. Hoje três dos meus meninos moram com meu irmão, um foi adotado e uma se casou. Eu tenho fé que um dia ainda vou ter dinheiro e uma casa para poder levar eles comigo", relatou emocionado.

"Flor" afirma que embora tenha arrependimento de muitas coisas erradas que fez ao longo da vida, ainda bebe muito e não conseguiu se libertar do vício das drogas. "Fiquei mais de cinco anos limpo, sem usar nada, mas acabei voltando de tanta tristeza, sou fraco sem meus filhos do meu lado, me revoltou em não poder tê-los de volta e



"Flor": saudades da mãe já falecida e falta dos filhos

as coisas foram desandando até chegar onde estou, mas posso jurar e Deus sabe que é verdade, se eu puder ter minha garota comigo de novo, paro tudo de vez, vou viver para cuidar deles e me libertar de todos esses vícios malditos", confessou.

Em meio a sua turbulenta trajetória de prisões, "Flor" relata que já trabalhou honestamente como ajudante de pedreiro, pintor e artesão, mas que a droga sempre o levava a fazer coisas erradas. "Já fui internado duas vezes em clínicas



iguais em dignidade e em direitos. Dotados de
com os outros em **espírito de fraternidade**

das Nações Unidas

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

‘O Amor é a força mais sutil do mundo’

Respeito, dignidade e a troca de aprendizagem são características marcantes da relação entre a professora Alessandra e seus alunos com necessidades educacionais especiais

→ JOSANIE BRANCO
jo@oextra.net

Nas últimas décadas, muito se tem discutido sobre crianças com necessidades educacionais especiais, essa temática tem sido foco de leis específicas que garantam uma série de direitos básicos de cidadania. Dessa discussão surgem dúvidas, projetos, práticas e metodologias diferentes para o convívio com essas crianças que chamamos de especiais. Deverão ser proporcionados à criança incapacitada física ou mentalmente, ou que sofra algum impedimento, os cuidados especiais exigidos pela sua condição peculiar.

A maioria dos seres humanos não imagina o quanto se aprende com pessoas especiais, principalmente as crianças. Às vezes estamos tão presos à perfeição das formas físicas e aos aspectos materiais que nos esquecemos de observar a riqueza oculta na sua essência. A alegria de viver, a força interior, a determinação, a vontade de ser feliz e a capacidade de adaptação são mais evidentes nessas crianças. Cada obstáculo vencido na busca da realização de um objetivo é demonstrado através de explosões de alegria e felicidade.

Professora há 18 anos, com formação em Pedagogia com habilitação em Deficiência Física, Alessandra Cristina Gazeta de França Dela Rovere, é exemplo de amor e dedicação com crianças especiais. Ela leciona nas escolas Ivonete Amaral da Silva Rosa, da rede municipal, e Saturno Leon Arroyo, estadual, desenvolvendo um trabalho de inclusão, ensinamentos, descobertas e acima de tudo muita cumplicidade, atenção e carinho. Em entrevista ao “O Extra”, a docente fala sobre o amor à profissão, bem como desafios e a constante troca de aprendizagem com seus alunos.

EXTRA: Por que você se especializou nessa área?

ALESSANDRA: Na época em que fui escolher minha profissão pensei em algo diferente, alguma coisa ligada à área assistencial, dentro da educação e esse era o curso que mais se enquadrava. Não tenho dúvidas de que fiz a melhor escolha, trabalhar com crianças com necessidades especiais é algo extraordinário, ao mesmo tempo em que ensino, aprendo muito com cada uma delas, amo o que eu faço.

EXTRA: Como é desenvolvido seu trabalho com crianças especiais?

ALESSANDRA: Sou professora especializada em deficiência física, na escola Ivonete

as atividades são desenvolvidas em uma sala de recursos multifuncional. São seis alunos fixos e três itinerantes da rede municipal, com idade escolar até o quinto ano. Na escola Saturnino são alunos já na fase de pré-adolescência. Os atendimentos são individuais e acontecem de duas a três vezes por semana, são complementos educacionais, pois todas as crianças incluídas na educação especial da sala de recursos também estão matriculadas nas salas regulares, onde estudam com todos seus amigos e com o professor de sua respectiva série.

Minha função é trabalhar com as habilidades de cada

criança, interagindo de maneira especial, pois cada uma tem sua característica diferenciada. Na verdade há uma adequação curricular de cada caso para que o aluno possa atingir os objetivos desejados na parte da aprendizagem.

EXTRA: Para você, como educadora, qual a maior importância desse projeto?

ALESSANDRA: A sala de recursos é um poderoso complemento no processo de aprendizagem das crianças com necessidades educacionais especiais, ajuda bastante na parte de autonomia e do desenvolvimento de cada uma, pois mesmo que elas não aprendam a ler e escrever,

passam a ter certa independência, além do trabalho de inclusão e aceitação por parte da sociedade. Meus alunos da sala de recursos se sentem bem aceitos na escola.

Sei que meu trabalho não transforma vidas, mas sei que ele contribui para que cada um dos meus alunos tenha uma vida melhor.

EXTRA: Em sua opinião, o que é necessário para o profissional que deseja trabalhar com crianças especiais?

ALESSANDRA: Sem dúvida é preciso ter muita paciência e persistência, não é um trabalho fácil, mas é muito prazeroso se feito com amor, pois, como já disse, cada caso é específico, cada aluno tem sua história, suas dificuldades e potencialidades, cada um tem seu jeitinho de aprender e retribuir o que lhe está sendo ensinado. É preciso compreender a limitação de cada criança, muitos não conseguem atingir tudo o que a sociedade exige, mas mesmo assim eles têm muito a nos ensinar. É fantástico poder acompanhar de perto os avanços de cada um.

EXTRA: Quais os momentos mais difíceis da sua profissão?

ALESSANDRA: Sem dúvida são os momentos de tristeza quando algum dos alunos vem a falecer, já perdi alunos em decorrência do agravamento de suas doenças. É um vazio muito grande, uma dor imensa, afinal crio uma rela-



Alessandra: momentos de tristeza quando algum dos alunos vem a falecer em decorrência do agravamento de suas doenças

ção de amor com cada um dos meus pequenos e quando recebo a notícia que um deles perdeu a luta contra a doença, sofro bastante. Já precisei fazer terapia para tentar entender certos porquês da vida, hoje consigo ver que algumas coisas são mistérios de Deus e não tenho poder para interferir nesses planos.

EXTRA: Ainda há muito preconceito na sociedade em relação às pessoas deficientes?

ALESSANDRA: O precon-

ceito ainda existe e me incomoda bastante. Infelizmente parte da sociedade prefere evitar o convívio mais próximo de pessoas com necessidades especiais. Na verdade, essa falta de um contato mais direto, seja por medo do desconhecido, desinteresse ou indiferença, impede o aumento dos ganhos recíprocos e da mútua aprendizagem que esses relacionamentos podem oferecer. Porém, graças a Deus, esse quadro está se revertendo e muita gente tem se mostrado mais consciente sobre a importância da inclusão e dos direitos de igualdade a todos.

EXTRA: Como profissional, quais seus projetos?

ALESSANDRA: Meu comprometimento é dar sempre o melhor como profissional, acreditando no desenvolvimento de cada um dos meus alunos. Consigo ver uma grande inteligência em cada um deles, esses pequenos podem nos ensinar lições valiosas como respeito, dignidade, força, determinação, perseverança, compreensão, compaixão, gratidão e, principalmente, amor. Meu sonho é vê-los se desenvolver a cada dia mais, superando seus limites.

Esse projeto maravilhoso é possível graças a uma grande equipe escolar que, juntamente comigo, desenvolve esse trabalho especial, desde o professor da sala regular, direção e todos os profissionais da instituição. A presença e participação dos pais e familiares também são de grande contribuição para o desenvolvimento de cada criança. Cada um fazendo sua parte, certamente obteremos grandes e significativas conquistas.



“ Não tenho dúvidas de que fiz a melhor escolha, trabalhar com crianças com necessidades especiais é algo extraordinário ”



“ Temos o direito de sermos iguais sempre que a diferença nos inferiorize; e temos o direito de sermos diferentes sempre que a igualdade nos descaracterize ”

(Boaventura Souza Santod)

CASA CHEIA DE AMOR

‘Palavras dizem muito, mas os gestos falam mais alto’

O forte laço de carinho e amor pleno são características que marcam a vida da família Oliveira

→ JOSANIE BRANCO
jo@oextra.net

Ter uma família feliz e harmoniosa é o sonho de toda humanidade. Apesar dos diferentes modelos familiares que existem no mundo de hoje, uma coisa permanece igual: a importância do amor entre seus membros. E a construção dessa felicidade se dá com a participação de cada envolvido no grupo familiar.

A família que começa com amor estende esse sentimento a todos os membros que a compõe, pode passar anos, muitas histórias e acontecimentos, mas esse sentimento nobre sempre estará ali, se fortalecendo a cada dia. Falar de amor é fácil, mas é preciso sair da fala e começar a colocar em prática para que as transformações positivas na família sejam o fruto desse sentimento. Nos pequenos gestos e nas coisas mais simples do dia-a-dia é que o amor em família constrói, completa e transforma e assim tem sido a muitos anos na residência da família Oliveira. Uma humilde casa, móveis antigos, sem luxo ou vaidade, porém muito organizada e limpa, onde a simplicidade toma conta de todos, em especial dos seus idosos moradores.

A matriarca, “Dona Amélia”, com seus 84 anos, mora no Jardim Planalto com quatro dos 16 filhos, mas foi na roça, trabalhando no campo, que ela e seu falecido esposo criaram seus herdeiros.

Hoje, a rotina da família é tranquila, com um convívio harmonioso entre todos, onde as responsabilidades e serviços da casa são igualmente divididos, respeitando a limitação de cada um dos filhos e de “Dona Amélia”, pois todos têm problemas de saúde que foram se agravando ao longo dos anos.

Sebastião Lima de Oliveira, o primogênito, de 65 anos, há 12 anos vive em uma cadeira de rodas, mas conta que embora tenha limitações em decorrência da doença, até hoje não descoberta pelos médicos, vive uma vida feliz. “Meu problema nas pernas começaram ainda na juventude, por volta dos meus 16 anos. Certa vez fiquei internado por sessenta dias e de nada resolveu, com os anos as coisas foram piorando até chegar nesse estágio de não poder andar mais. Aprendi a viver assim, tenho minhas dificuldades, mas busco ser feliz com minhas limitações e aos finais de semana, rolando a ca-



“Dona Amélia”, com seus 84 anos, mora no Jardim Planalto com quatro dos 16 filhos, todos com problemas de saúde

deira, dou uma passeada para jogar com os amigos, minha rotina é essa: casa e amigos de vez em quando”, explanou.

O mesmo problema que acometeu Sebastião também atinge as pernas de Jesus Lima de Oliveira, o “Pelé”, que só consegue andar com uso de uma bengala. “Fui perdendo as forças nas duas pernas, hoje em dia é bem difícil me locomover. Meu sonho era voltar a andar normalmente, porém acho isso quase impossível, mas sou feliz assim, nunca me revolttei pela minha condição. Hoje, só saio de cada para ir à Igreja, gosto muito de acompanhar as missas celebradas pelo Padre Miguel, ele é abençoado e dá uma atenção muito especial para nossa família, vem trazer a comunhão para todos nós, aqui em casa”, contou.

Ao lado dos irmãos e da mãe, José Lima de Oliveira, o “Bidú”, aparentemente o mais tímido da família, também viu sua saúde se agravando nos últimos tempos, ele anda com dificuldades e sofre de um distúrbio neurológico que afeta sua coordenação motora, não conseguindo nem mesmo pegar uma xícara de café nas mãos, em decorrência da tremedeira. “Não saio nem na padaria para buscar um pão, minhas pernas doem muito, mas a gente vai se virando como pode, tem dias que são mais difíceis, em outros nos sentimos melhor, mas não temos motivos pra reclamar, afinal estamos todos juntos e um cuidando do outro. A maior saudade é de quando minha mãe tinha uma boa saúde, ela cuidava muito da gente e fazia coisas boas para nós.

Mesmo com as dificuldades sou muito grato, tudo que temos é fruto da boa educação que tivemos dos nossos pais no passado”, comentou.

Gilmar Lima de Oliveira, o “Zé”, caçula de 40 anos, aparentemente debilitado, também vivencia uma luta diária em constante tratamento. Sem sucesso na tentativa de um transplante, embora quatro dos seus irmãos fossem compatíveis, e com os rins paralisados, ele faz hemodiálise três vezes por semana, há cerca de 25 anos, na Santa Casa. Foi para cuidar da saúde de Gilmar que a família veio do Mato Grosso morar em Fernandópolis. “Peço a Deus que me dê saúde e se possível um doador compatível para que eu possa ter uma vida mais tranquila, só saio de casa para ir ao médico,

já me acostumei com essa rotina de ficar com meus irmãos e minha mãe, a gente conversa, assiste TV e vai passando o dia como pode”, explica.

A mãe “Dona Amélia”, antes a principal responsável pelos afazeres da casa, está na cadeira de rodas há cerca de 5 anos, após ser submetida a uma cirurgia ela não pode mais andar, entretanto, mesmo com a idade avançada ela pede a Deus para que um dia volte a caminhar. “Queria ter força nas pernas, andar para poder cuidar dos filhos como antes, esse é meu grande sonho”, disse.

Acarinhada com frequência pelos amigos, a família, embora cada um com suas limitações, está sempre sorridente, transmitindo paz, singeleza e exemplos de determinação. “Temos que nos conformar

“O amor é a única solução para os problemas da vida”

com o que Deus faz, cada um tem sua cruz para carregar, mesmo sendo pesada cada um tem a sua. Somos gratos ao Senhor por tudo o que somos e temos. Desejo que todos tenham um feliz final de ano”, encerrou o primogênito Sebastião.



“Dona Amélia”



José



Sebastião



Jesus



Gilmar

“Família: ‘a célula primária de qualquer desenvolvimento social’”

É com sentimento de dever cumprido e, principalmente, de gratidão a todos nossos clientes, que completamos **24 ANOS** de serviços prestados. Esperamos, sinceramente, desfrutar do prazer e da honra de tê-los como nossos parceiros por muitos anos mais. A todos nossos familiares, amigos e clientes, um Natal venturoso, regado de paz, amor e fraternidade e um 2016 de muito progresso, sucesso e que todos os vossos sonhos se realizem.

Em nome da **“Família Passomed”**, são os votos do empresário **Arnaldo dos Passos**



www.passomed.com.br / passomed@uol.com.br
Fones/Fax: (17) 3463-3961 / 3442-2213 / 3462-4280
 Rua Roma, nº 97 - Vila Veneto II - Fernandópolis - SP



A SUA MANEIRA

‘Jovens e suas diferentes tribos’

Reportagem entrevistou diversos jovens que relataram o motivo de fazerem parte de tribos ou simplesmente pelo fato de se vestirem a sua maneira; preconceito também foi abordado por eles

→ BRENO GUARNIERI
contato@oextra.net

Pessoas que seguem, de certa forma, o convencional andam pelas ruas, praças e outros lugares de Fernandópolis e se deparam com alguns jovens com o seguinte visual: cabelos “chapados” (meninos), acessórios diversificados e roupas, muitas delas anti-conventionais, com certeza ficam com o semblante assustado, ou seja, não conseguem identificar quais estilos são esses.

Mesmo para os mais “descolados” é complicado identificar os estilos que surgem das novas gerações. É o caso dos estudantes Carlos Novaes, 19 anos, e Fábio de Lima, 18 anos, que se identificam com o rock and roll, mais especificamente com o metal (som mais pesado).

Eles chamam a atenção e já sofreram preconceitos. “Eu sempre gostei de rock e de andar com os roqueiros. As músicas também influenciaram minhas roupas”, diz Fábio, que gosta de usar camisetas pretas, pulseira de espinho e calças mais justas, bem ao estilo dos ídolos de bandas de heavy metal.

Carlos vai além: “faz quatro anos que me visto assim. Vejo preconceito das pessoas, mas isso não me afeta, não vou mudar meu estilo por causa dos outros”.

SKATISTAS

Apesar de não se ver um bom número de adeptos ao esporte andando pelas ruas de Fernandópolis, atualmente, outro grupo que passa por essa situação é o dos skatistas.

De acordo com o vendedor, Bruno “Moreno”, 22 anos, sua preferência em relação



Bruno e sua amiga Sury são da turma dos skatistas e seus estilos representam muito bem essa tribo: bonés, correntes e tênis

às roupas sempre foi as largas, ou seja, bem além de seu número. “Quando comecei a andar de skate, isso, mais ou menos, com 13 anos, ‘logo de cara’ me identifiquei com o estilo”, diz “Moreno”, que ainda acrescenta: “sempre tem gente que fica olhando, mas não vou mudar. Além disso, creio que nós podemos ser até melhor do que alguns arrumadinhos”.

PEÕES DE RODEIOS E PATRICINHAS

A engenheira civil Amanda Lúcia, 25 anos, não vai nem à padaria sem maquiagem. “Toda vida gostei de me arrumar bem”, acrescenta. Blusa e calças com cores fortes e muito brilho fazem parte do cotidiano dela. “Claro que para trabalhar uso roupas mais neutras que transpareçam seriedade e responsabilidade, mas uma boa maquiagem não pode faltar”, reforça.

Outro que chama a atenção nas ruas é Paulo Faria, 29 anos. Chapéu, botina e

fivela são adereços essenciais para ele que se considera “peão nato”. “Ando assim desde pequeno. Meus amigos também. Nasci numa fazenda. Meu pai também se veste da mesma forma. Creio que herdei isso dele”, salienta.

Paulo juntamente com seu pai trabalha em uma empresa da família, que explora justamente o meio rural. Insumos agrícolas, ração para animais, ferramentas para o trabalho do campo fazem parte de seu cotidiano.

TRIBOS

É o nome dado a um grupo de pessoas ou hábitos, valores culturais, estilos musicais e/ou ideologias políticas semelhantes. As tribos urbanas são uma realidade cada vez mais atual.

Cada vez mais, os jovens desejam ser aceitos na sociedade. A maioria das vezes os jovens entram numa busca por atenção e aprovação, acabando por “cair” em universos que acabam se identificando.

DROGARIA

BOM JESUS

“Sua saúde merece o Melhor”

MEDICAMENTOS & PERFUMARIA

Aplicação de Injeção em Domicílio

AQUI TEM

FARMÁCIA POPULAR

FARMÁCIA POPULAR

AQUI TEM

FARMÁCIA POPULAR

DISK ENTREGAS

(17) 3843-1227

FARMÁCIA POPULAR

Av. dos Bandeirantes nº 1545-B - Centro - Ouroeste/SP - CEP 15685-000

SGOTTI

MATERIAIS P/ CONSTRUÇÃO

Tudo o que Você precisa para sua construção.

Av Carlos Barozzi, 982 - Brasilândia

(17) 3465-9399

INTER PRIME

SOMOS FILIADOS A

premi@comunicacao.com

LABORATÓRIO

JOÃO PAULO II

Qualidade e Tecnologia a Serviço da Saúde

Dr. Eduardo M. Del Dottore CRM 10.214

3442-3289

Mais de 40 anos de Tradição

ATENDEMOS TODOS OS CONVÊNIOS

Parcelamos no Cartão de Crédito e no cheque

Ouroeste: Av. dos Bandeirantes, 1141 - Centro Fone (17) 3843-4125

EST. LABORATÓRIO ESTÁ INSCRITO NO INPC

SOCIEDADE BRASILEIRA

SELO DE QUALIDADE

PROGRAMA NACIONAL DE CONTROLE DE QUALIDADE

Fernandópolis - SP

Rua Rio de Janeiro, 2030 - Centro

Fones: (17) 3442-4033 / 3442-3289

E-mail: labjoaopaulo@gmail.com

Onde tem **SERIEDADE** o trabalho cresce e aparece.

Nos últimos três anos, a atual administração de Fernandópolis colocou a casa em ordem: pagou dívidas antigas, recuperou a credibilidade do município junto aos governos e instituições governamentais, foi buscar verbas nas esferas estadual e federal, promoveu o equilíbrio fiscal, valorizou o funcionalismo. Fez tudo com total lisura e transparência, e o resultado está aí:



Três novas ambulâncias para o SAMU



Melhor Educação do Brasil segundo a FGV e Financial Times



Construção Creche Proinfância no Ipanema



Construção da Unidade de Pronto Atendimento - UPA



Nova iluminação Av. Raul Gonçalves Junior



16 novas Academias ao Ar Livre



Renovação da Frota Escolar (11 novos veículos)



UBS do Rosa Amarela



Entrega de 47 casas do Jayme Leone



Construção Academia da Saúde na Brasilândia



Construção do novo CRAS no Vila Regina



Dez novas motos para as secretarias



Dois novos veículos para os CRAS



Revitalização das Praças (Jardim Santista)



Nova UBS no Jardim Rio Grande



PREFEITURA
de Fernandópolis

*Trabalhando por toda a cidade.
É só prestar atenção que a gente vê.*